



REPETIÇÃO NA ORALIDADE: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL

Lorena Oliveira dos Santos*
(UESB)

Valéria Viana Sousa**
(CNPq)

RESUMO

No presente artigo, apresentaremos um recurso, frequentemente, utilizado na oralidade, a Repetição. Partindo da teoria Funcionalista e tomando como base os estudos de Castilho (1996), Gívon (1995) e Rios de Oliveira (1998), abordaremos a importância desse fenômeno na construção textual-discursiva e na interação entre interlocutores, categorizando-o e explicando alguns de seus aspectos funcionais: a enumeração, a paralelização e o reforço. Para tanto, retiraremos do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista exemplos de elementos lexicais, sintagmáticos e oracionais.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo, oralidade, repetição

INTRODUÇÃO

Diariamente, embora não estejamos atentos, muitas vezes, do quanto nos valemos da repetição em um processo interativo quer seja para ratificar, quer seja para retificar ou mesmo para intensificar o nosso discurso, é praticamente impossível, dentro da oralidade, interagir sem utilizarmos tal estratégia. Consideramos que a repetição é

* Mestranda em Linguística (PPGLin) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. Bolsista CNPq (loreoliveira@hotmail.com)

** Doutora em Letras (área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq.(valeriavianasousa@gmail.com)



uma ferramenta bastante empregada não só no âmbito da fala, mas em qualquer situação de interação social, objetivando uma maior compreensão, produção e conexão do discurso. Partindo dessas considerações e valendo-nos dos estudos realizados por Marcuschi (2006), podemos afirmar que a repetição exerce diversas funções na fala as quais auxiliam na “organização discursiva e na monitoração da coerência textual; [favorecem] a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; [dão] continuidade à organização tópica e [contribuem] nas atividades interativas.” (MARCUSCHI, 2006, p. 219).

Nesse sentido, tendo como objeto de estudo a repetição na oralidade, propomos a discussão de questões-problema sobre i) a forma como os falantes do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*) utilizam o recurso da repetição em suas falas; ii) a importância desse uso na interação verbal; e, ainda, iii) os aspectos funcionais por meio dos quais a repetição organiza cognitivamente as estruturas gramaticais produzidas pelos falantes do *Corpus PCVC*. Essa proposta baseia-se nos Estudos Funcionalistas que, pautados em Givón (1995), tem como princípio básico a análise da expressividade de uma determinada língua, observando as suas estruturas linguísticas e o contexto em que tais estruturas ocorrem.

Supondo que as repetições sejam “peças-chave” necessárias ao processamento textual-discursivo e à comunicação entre os interlocutores, hipotetizamos, *a priori*, que 1) o recurso é altamente produtivo na oralidade; 2) a interação dos interlocutores na fala é facilitada por esse mecanismo; e, por fim, que 3) o sistema de repetição é motivado cognitivamente, refletindo o modo como o indivíduo interpreta a realidade que está a sua volta.

Portanto, pela diversidade de características da repetição e pela importância que esse recurso tem na oralidade, neste trabalho, consideramos que as repetições podem manifestar-se de diversas formas e que são multifuncionais.



A seguir, nas próximas seções, apresentaremos, primeiramente, a metodologia utilizada no trabalho; logo após, a fundamentação na qual nos ancoramos teoricamente o estudo e, por fim, analisaremos os dados, chegando às nossas considerações finais.

MATERIAL E MÉTODOS

Pautados em Givón (1995), que advoga, como princípio do Funcionalismo, a análise da expressividade de uma determinada língua, observando as suas estruturas linguísticas e o contexto em que tais estruturas ocorrem e, em Rios de Oliveira (1998), que realiza uma classificação das estratégias de repetição como motivadas icônica e expressivamente, servimo-nos dos princípios de iconicidade e de expressividade na análise das ocorrências selecionadas na língua em uso. Deste modo, separamos para análise construções que sejam repetidas no *Corpus* do PCVC, identificando-as quanto à forma e quanto à função. Para tal identificação, fizemos um recorte e escolhemos três aspectos funcionais da microestruturação, a saber: a enumeração, a paralelização e o reforço.

Para tanto, recorreremos, em nossa análise, ao *Corpus* Português Culto de Vitória da Conquista, constituído pelos Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq, que está pautado na escolha daquela parcela da população em que tem, no mínimo, onze (11) anos de escolaridade. A metodologia utilizada para a obtenção do *Corpus* foi orientada por trabalhos sociolinguísticos que se fundamentam na perspectiva variacionista laboviana. Informamos ainda que técnica de amostra confeccionada para as entrevistas foi realizada a partir da divisão da BR116. Assim, doze (12) informantes de cada *Corpus* foram selecionados no lado oeste e doze (12) do lado leste da cidade de Vitória da Conquista. No entanto, para este trabalho, fizemos um recorte e escolhemos, para compor a nossa amostra de análise, seis (06) entrevistas, estratificadas em sexo (masculino e feminino) e em faixas etárias I (15 a 25



anos), II (26 a 50 anos) e III (acima de 50 anos). Além disso, temos como requisito, para composição do *Corpus*, que os informantes tenham nascido no município.

REFERENCIAL TEÓRICO

UMA CORRENTE TEÓRICA: O FUNCIONALISMO

A Linguística Moderna surge com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (Cours de Linguistique Générale), publicado pelos alunos de Saussure em 1916. Desde então, de acordo com Dirven e Fried (1987 *apud* Areas e Martelotta, 2003), três princípios básicos explicam a evolução da Linguística no século XX, sendo eles: sistema, estrutura e função. Sabemos que Saussure postula uma visão de língua como sistema e, posteriormente, esse termo será substituído pelo termo: estrutura; pois, “uma vez aceita a visão de que *a língua constitui um sistema* – um conjunto cujos elementos agrupam-se num todo organizado – cumpre analisar-lhe a estrutura” (AREAS; MARTELOTTA, 2003, p.17). O *Curso de Linguística Geral* foi a base para o desenvolvimento do Estruturalismo e grande foi a expressão que teve nos trabalhos apresentados no Círculo de Praga, em 1928.

No entanto, no Círculo de Praga, segundo Fontaine (1978 *apud* Areas e Martelotta, 2003), foram apresentados trabalhos que indicaram outras influências, além das de Saussure, como, por exemplo: o filósofo Husserl e o psicólogo alemão Karl Bühler. Os estudos de Bühler deram um caráter peculiar à linguística de Praga, no que diz respeito ao fato de o psicólogo alemão associar a função como um elemento que constitui a linguagem – vale lembrar que Saussure excluiu os aspectos linguísticos relacionados à função quando distinguiu *langue* de *parole*, tornando a primeira o objeto da Linguística. Para os linguistas de Praga, a função era vista através de uma noção teleológica, sendo a intenção do locutor base do discurso. Para eles, “a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido que é utilizada para um determinado fim” (AREAS; MARTELOTTA, 2003, p.19).



Deste modo, considerando que o Estruturalismo apresenta concepções diferenciadas dependendo da base teórica adotada, Dirven e Fried (1987 *apud* Areas e Martelotta, 2003) dividem as abordagens da linguística estrutural em dois polos:

- a) Pólo [sic] formalista, no qual a análise ressalta a forma linguística, ficando sua função num plano secundário;
- b) pólo [sic] funcionalista, no qual a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante. (AREAS; MARTELOTTA, 2003, p.19).

Neste trabalho, nossos estudos serão fundamentados no polo funcionalista, portanto, para isso faremos uma breve exposição sobre aspectos que nortearão a análise em tal corrente.

A priori, é importante ressaltar a concepção de língua que é defendida pela corrente funcionalista. De acordo com Areas e Martelotta (2003), a língua, no polo funcionalista, é caracterizada como um instrumento de comunicação, tendo em vista a maleabilidade da estrutura, que está sujeita a pressões advindas de diferentes situações pragmático-discursivas, que ajudam a compor a estrutura gramatical. Assim, “ao contextualizar os fatos gramaticais na situação de fala que os gerou, a gramática funcional toma como ponto de partida as significações das expressões lingüísticas, indagando como elas se codificam gramaticalmente.” (CASTILHO, 1994, p.76). Portanto, no Funcionalismo, a língua é analisada do ponto de vista social, isto é, dando relevância ao contexto social, pois acredita-se que o falante emprega a língua, adequadamente, nas diversas situações comunicativas.

Realizada essa primeira discussão, na qual evidenciamos o surgimento do Funcionalismo e a nossa preferência no presente trabalho por essa perspectiva de estudo, abordaremos, agora, sucintamente, as principais características do Funcionalismo emergente nos Estados Unidos, baseando-nos, sobretudo, nos princípios de Givón (1995 *apud* Areas e Martelotta, 2003). Na linguística estrutural, há três



pressupostos básicos, sendo eles: a *arbitrariedade* do signo; a distinção entre *langue* e *parole*; e, a divisão entre *diacronia* e *sincronia*.

É válido ressaltar que, embora o Funcionalismo tenha nascido em meio à corrente estruturalista, ambos apresentam diferenças significativas em relação a algumas questões. Em oposição ao Estruturalismo, no Funcionalismo, defende-se que o signo é motivado, pois o falante não cria, arbitrariamente, novas palavras, sentidos, sequências de sons etc., no entanto, tende a se apoiar em um material que já está presente na língua. Desta maneira, “a palavra assume uma força específica por um *motivo* determinado” (AREAS; MARTELOTTA, 2003, p.25). Ainda, é importante ressaltar que as tendências, que expressam alguma motivação em oposição à arbitrariedade, são chamadas, pelos funcionalistas, de *iconicidade*.

Já em relação à distinção entre *langue* (geral) e *parole* (individual), os funcionalistas defendem que o discurso gera o sistema linguístico, este, por sua vez, é maleável e está em constante transformação. “Nesse sentido, não há como separar a *langue* da *parole*: o acidental ou causal que caracteriza o discurso passa a ser gênese do sistema, que, por sua vez, alimenta o discurso” (AREAS; MARTELOTTA, 2003, p.27).

Por fim, em relação aos eixos separáveis no Estruturalismo: diacronia e sincronia; no Funcionalismo, compreende-se a noção pancrônica de mudança, pois observam-se as relações cognitivas e comunicativas que se desenvolvem no indivíduo em um determinado contexto e que se manifestam de maneira universal, “já que refletem os poderes e as limitações da mente humana para armazenar e transmitir informações” (AREAS; MARTELOTTA, 2003, p.28).

Em suma, segundo Lima-Hernandes (2011), a análise do sistema linguístico, no Funcionalismo, parte do falante, considerando não só o usuário da língua, mas, também, toda a situação comunicativa, tendo em vista que “a motivação e os objetivos para a interação verbal são questões centrais” (LIMA-HERNANDES, 2011, p.21), isto é, para os funcionalistas, a sintaxe e a semântica devem ser estudadas através da pragmática, analisando a descrição de expressões, dentro das condições de uso, que revelam a



competência comunicativa do indivíduo, para, então, entender o funcionamento da estrutura gramatical.

No próximo tópico, retrataremos o nosso objeto de estudo à luz do Funcionalismo.

O OBJETO: A REPETIÇÃO NA ORALIDADE

Partindo do Funcionalismo norte-americano, abordado anteriormente, ancorados nos estudos de Rios de Oliveira (1998), realizaremos uma classificação das estratégias de repetição, considerando o seu aspecto multifuncional, avaliando-as pelo contexto de uso, pela forma de codificação e pela função discursivo-pragmática. Dessa forma, poderemos avaliar a fundo se as motivações orientam-se pelo princípio da iconicidade.

De acordo com Votre (1994) *apud* Rios de Oliveira (1998), a língua, considerando o seu caráter mental e conceptual, expressa, também, materialmente uma semelhança com a maneira como o ser humano abstrai a realidade que está a sua volta. A experiência integra os processos de regularização lógica e pode se materializar operando na estruturação das diversas camadas discursivas. Deste modo, basear-nos-emos nos aspectos funcionais do experiencialismo, pois tais aspectos demonstram e confirmam o caráter cognitivo das estruturas gramaticais. Conforme defende Rios de Oliveira (1998), essa estratégia permitirá que expliquemos o aspecto funcional baseado em um princípio cognitivo:

A opção pelo tratamento funcional de base cognitiva parte do entendimento da *gramática* como unidade complexa e multifuncional, estruturada componencialmente por procedimentos, de certa forma, estáveis. Os mecanismos de repetição, enquanto integrantes dessa entidade linguística, consideram-se, assim, constituintes regulares do diálogo temático, estruturas funcionais de representação, motivadas cognitivamente. A experiência funda e a interação organiza, numa relação em que o papel funcional orienta a forma representacional (RIOS DE OLIVEIRA, 1998, p.37).



Com o modelo cognitivo que adotamos, temos o objetivo de encontrar, nas expressões da língua, a influência de fatores externos, pois a interpretação do discurso está associada diretamente com o modo de interpretação de mundo do indivíduo, visto que como dissemos, anteriormente, nas palavras de Lima-Hernandes (2011), o estudo do sistema linguístico, na gramática funcional, parte do falante, dando relevância não só ao fato de ele ser usuário da língua, como, também, ao contexto e à motivação que conduzem, cognitivamente, a sua interação verbal naquele determinado momento, com aquele determinando interlocutor.

No tratamento funcional da repetição no modelo conversacional, consideramos dois princípios que são de grande valia dada sua produtividade, os quais são: iconicidade e expressividade. A iconicidade, conforme abordamos na seção anterior, corresponde “à relação motivada de *um-para-um* entre o conteúdo e sua representação, em situação oposta à arbitrariedade” (RIOS DE OLIVEIRA, 1998, p.40). O princípio de iconicidade, ainda, pode ser estudado segundo três subprincípios, a saber: o da quantidade; o do grau de integração dos constituintes da expressão; e o da ordenação linear dos segmentos. Outro princípio funcionalista é o da marcação expressiva.

Dubois e Votre (1994 *apud* Rios de Oliveira, 1998), a esse respeito, apresentam o princípio da expressividade em função do de marcação – princípio herdado da linguística estrutural, desenvolvido pela Escola de Praga, e, conforme Givón (1995 *apud* Areas e Martelotta, 2003), é um princípio dependente do contexto, sendo, deste modo, abordado com base em aspectos comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos –, “na tentativa de explicitação da multidirecionalidade da relação entre forma e função discursiva” (RIOS DE OLIVEIRA, 1998, p.42). Portanto, pelo fato de a marcação por si mesma não conseguir explicar as várias estratégias encontradas na modalidade da fala em sua expressão, ocorre a relação *marcação-expressividade*, pois, alguns processos são justificados pelo princípio de marcação, já outros são justificados pelo de expressividade.



Por fim, trazemos para discussão a categorização apresentada por Rios de Oliveira (1998) que propõe dividir a repetição, que ocorre na modalidade oral, em funções mediais de microestruturação, referentes à estruturação interna de unidades discursivas (UDs) e em funções mediais de interestruturação, referentes à organização de UDs entre si. A microestruturação se divide em dez modalidades funcionais articuladoras internas de unidade discursiva (microestruturação), que são: paralelização; reforço; contraste; desdobramento; temporalização; reparação; enumeração; reordenação; tematização e confirmação. Por outro lado, a interestruturação se divide em oito processos funcionais na articulação de UDs entre si, que são: amplificação; endosso; focalização; distinção; atualização; balizamentos; difusão e reintrodução.

A seguir, apresentaremos a análise de construções presentes no Corpus PPVC que envolvem o fenômeno da repetição, objeto de estudo dessa pesquisa identificando-as quanto à forma e quanto à função. E, como dissemos anteriormente, para esse estudo, realizamos um recorte, no qual escolhemos três aspectos funcionais da microestruturação, a saber: a enumeração; a paralelização; e o reforço.

ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, abordaremos exemplos extraídos do *Corpus* Português Culto de Vitória da Conquista, classificando-os quanto aos aspectos funcionais que selecionamos para discutir neste trabalho, sendo eles: a enumeração; a paralelização; e o reforço.***

A enumeração é um tipo de repetição em que o falante constrói funções discursivas “[caracterizadas] pela justaposição de dois ou mais termos semanticamente diversos e morfologicamente equivalentes ou semelhantes” (RIOS DE OLIVEIRA, 1998,

*** O objetivo maior da análise é a fala do informante. Contudo, nesse tipo de análise se faz necessário a observação da fala do entrevistador, que, nesse corpus, caracteriza-se como alguém também pertencente ao Português Culto.

p.52), contribuindo para a intensificação semântica e a argumentação. Nos exemplos abaixo, podemos observar que o primeiro informante repete cinco vezes a expressão “morei”, enumerando sempre um lugar diferente; o segundo informante repete quatro vezes o termo “gosto”, fazendo uma lista de preferências musicais; e o terceiro, por sua vez, não repete o termo “vou”, mas compreendemos, pois a lista de cidades foi gerada através de uma repetição matriz, ou seja, um suporte que fez os preenchimentos dos vazios que, posteriormente, foram gerados. Vejamos os exemplos:

- 1) INF: **Morei** em Brumado, **morei** em Cachoeira do São Félix [...], **morei** em uma fazenda perto do município Firmino Alves, **morei** em Sobral no Ceará e **morei** aqui em Vitória da Conquista (F.S.L.B, PCVC)
- 2) INF: [...] **gosto** de Beyoncé da mesma forma que eu **gosto** do Beatles da mesma forma que eu **gosto** de Quatorze [...] **gosto** de vários cantores diferentes de estilos diferentes (C.B.S, PCVC)
- 3) INF: eu **vou** pra Vitória,
 { Ø } Espírito Santo,
 { Ø } eh Salvadô (A.S.A, PCVC)

Já a paralelização diz respeito a “ocorrências que reiteram uma declaração anterior utilizando não só retomadas lexicais como também organização sintagmática análoga” (RIOS DE OLIVEIRA, 1998, p. 46), isto é, o falante se vale de segmentos anteriores para repeti-los. Nos fragmentos abaixo, o informante retoma, em sua resposta, ocorrências ditas pelo documentador. Vejamos:

- 4)DOC: O que você acha da **educação de Vitória da Conquista**?
INF: Eu acho que a **educação em Vitória da Conquista**, como a **educação** no país inteiro, está em crise. Não sei as causas (A.I.R.M, PCVC)
- 5)DOC: E o senhor se lembra de algum **fato assim específico interessante que aconteceu na sua infância**?
INF: **Um fato interessante que aconteceu na minha infância... Um fato interessante que aconteceu na minha infância** sobre o que assim mais ou menos, sobre família (D.A.O, PCVC)
- 6)DOC: Uhum...Pergunta cinco: **e a vizinhança como ela é?**



INF: Ah... **é uma vizinhança é...** que... eu conheço né... desde de muito tempo então com a qual eu estou acostumado, familiarizado e... e... e pra mim **é uma vizinhança** boa né... (H.F.D.S, PCVC)

Por fim, o reforço é um aspecto funcional que “constitui-se em um processo paratático de expansão, no qual prevalece a retomada exata, sem variação” (RIOS DE OLIVEIRA, 1998, p.47), ou seja, uma estratégia que acata a um princípio de iconicidade, no qual um conjunto de linguagem idêntica, em posição idêntica, adequa-se a um volume informacional. Nos exemplos a seguir, os informantes repetem expressões idênticas, objetivando intensificar o argumento. Vejamos:

- 7) INF: Mas eu fiz um escândalo... mas eu fiz um escândalo **tão grande... tão grande** (A.I.R.M, PCVC)
- 8) DOC: Hum... O que você mais gosta aqui?
INF: [...] de toda carga de conhecimento que eu também eh... [apreendi] aqui foi **muito... muito** bom mesmo assim (C.B.S, PCVC)
- 9) INF: **É legal... é legal**, uma parte do ano **é legal** que é frio, ôtra parte nem tanto mas mesmo assim é bom (F.S.L.B, PCVC)

Através dessa análise, percebemos como a repetição, uma estratégia da oralidade, é regida pelo princípio de iconicidade e pela marcação expressiva, no sentido em que o informante, motivado pelas pressões de uso, se vale de palavras, estruturas, sentidos que já existem na língua e que foram ditos anteriormente por ele mesmo, em um processo de auto-repetição, ou ditos pelo documentador em um processo de heterorrepetição. Por fim, podemos notar como a repetição é a consequência da relação entre forma e função, sendo, assim, um processo que possibilita a organização da experiência humana, chegando ao âmbito textual por meio dos atos de fala e produzindo, cognitivamente, estruturas linguísticas dispostas em camadas hierárquicas.



CONCLUSÕES

No presente trabalho, confirmamos algumas de nossas hipóteses, pois todas as categorias que escolhemos foram encontradas no *Corpus*, o que demonstra uma relevante produtividade desse recurso linguístico. Dessa forma, foi possível observar que cada um dos itens, quando repetidos, tornam-se “peças-chave” necessárias no processamento textual-discursivo e na comunicação entre os interlocutores. Além disso, constatamos que a repetição é uma dimensão discursiva de expressividade, pois o falante se vale de organizar, cognitivamente, construções que revelam o modo como o falante interpreta a realidade que está a sua volta; e, sobretudo, a repetição é uma estratégia utilizada para melhorar a compreensão e a interação direta e ativa entre os interlocutores.

REFERÊNCIAS

- CASTILHO, A. T. de. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. In: **ALFA: Revista de Lingüística**. São Paulo: UNESP, p.75-96. v. 38, 1994.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdã: John Benjamins, 1995
- MARCUSCHI, L. Antônio. *Repetição*. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G.V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, v.1. p. 219 – 254.
- RIOS DE OLIVEIRA, M.. Gramaticalização na repetição. In: MARTELOTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M.M. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1996.
- RIOS DE OLIVEIRA, M. **Repetição em diálogos: análise funcional da conversão**. Niterói – RJ. EDUFF, 1998.
- SILVA, J. A. A.; S. OUSA, V. V. **Português culto de Vitória da Conquista**, 2013. Projeto do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – UESB, 2013